



## **ANÁLISE DA EDUCAÇÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS DE DESEJOS A PARTIR DE FERRARI (2011)**

Lígia da Silva Santos (1); Pâmela Tamires Bezerra Ferreira da Silva(1);

Universidade Federal de Alagoas- [lygyalavigne.ligia@gmail.com](mailto:lygyalavigne.ligia@gmail.com); UFAL- [pamelaufal@hotmail.com](mailto:pamelaufal@hotmail.com)

**RESUMO:** O presente artigo busca realizar uma breve análise acerca das questões de gênero e sexualidade, utilizando como principal aporte teórico um estudo de Ferrari (2014) acerca das relações homossexuais na escola e a postura e prática docente e pedagógica frente aos conflitos sociais, identitários expressados em uma carta por uma aluna que escreve à sua professora. Concluímos que a escola infelizmente ainda encontra-se despreparada para lidar com os anseios e desejos subjetivos de seus jovens-alunos na tentativa de se autoafirmarem e se conhecerem ou se reconhecerem enquanto sujeitos em construção sexual e social, os quais são donos de si mesmo em uma sociedade que tenta os dominar e heteronormatizar suas identidades de gênero .

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação, Gênero, Sexualidade, Sujeitos de desejos.

### **1. INTRODUÇÃO:**

O artigo parte da análise do estudo realizado por Ferrari, fazendo-se a utilização da carta de uma estudante adolescente à sua professora. A partir daí, o olhar que se constrói é acerca de “como vamos nos constituindo como sujeitos de desejo e como vamos acionando saberes para sermos capazes de produzir saberes sobre nós mesmos, tomando-nos como objeto de investigação.” (FERRARI, 2014)

O foco do artigo é o que torna os sujeitos, sujeitos de uma sexualidade específica, o que os torna homossexuais. Tratando a experiência homossexual como o

encontro tenso entre os jogos de verdade, poder e subjetividades.

Está estruturado em três partes. Na introdução o autor discorre sobre como teve acesso à carta, seguido das ações do Movimento Gay de Minas (MGM). Em “experiências e experiências homossexuais”, Ferrari discute os eixos que compõem a experiência e, por fim, em “e a escola em meio a tudo isso?” o autor trata dos desafios, potencialidades e das provocações implícitas na carta da adolescente à sua professora.

### **2. METODOLOGIA:**

Estudo bibliográfico



### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Iniciamos as discussões desse estudo a partir da seguinte carta apresentada no texto de Ferrari (2014):

*Tia. Dúvidas, perguntas, não sei nem como falar. Tenho todas as dúvidas que você possa imaginar. **Eu nunca falei de sexo com ninguém, nem sobre homem. Imagina sobre mulher. A única coisa que escuto é que é errado e nojento. Claro que tenho vontade de saber como é. Igual não pensava que ia falar sobre sexo com minha professora, ainda mais sobre Lesbianismo. Quando toquei nessa menina para ela era uma brincadeira, mas para mim não. Eu já era abusada na época. Eu já tinha a mente diferente. O que mais me irrita é que sinto vontade de beijar uma mulher, saber qual é a sensação porque eu toquei nela, mas não beijei. Agora eu acho que não teria nojo de beijar uma mulher tanto como tenho de homem. Só de lembrar o cara que abusou de mim me tocando é horrível. Ficar coagida no canto de uma parede com um homem te apertando com força para você não fugir, num canto da parede me machuca. Mas só que já fiquei com meninos. Não cheguei até relação sexual, mas já beijei e tudo mais. Não sinto prazer por homem, vou te ser sincera. Já fui forçada a pôr a mão nos órgãos genitais de um homem, mas além de ser forçada, não senti nada. Já vi DVD pornográfico, mas não senti nada vendo homem, mas vendo mulher. Nos meus 15 anos eu quis ficar com um menino. A gente saiu da festa e fomos para um lugar, mais sozinhos. Além de não está sentindo muita coisa, ele estava bêbado e tentou me forçar. Ele tirou a calça dele e tentou tirar a minha roupa. Graças***

*a deus eu consegui fugir dele. Ele queria isso no meio da rua Então, tia, eu realmente detesto homem. Não gosto mesmo nem que me ponham a mão. Então eu sei que se eu casar não teria nem orgasmo com o meu marido. Prefiro ficar sozinha, mas apesar de muito desejo por tocar numa mulher novamente. Beijar, sentir alguma coisa. Se você quiser escrever sobre isso [...] sobre isso pelas bases que você conhece pelo que você sabe sobre Lesbianismo, fica a vontade. Eu acho que pessoalmente é pior, porque eu teria muita vergonha de te ver falando sobre sexo comigo. Eu quero sim conhecer mais, só que de verdade quero parar de sentir desejo por mulheres. Eu dormi chorando porque não quero perder algumas pessoas que já estão me magoando nessa área e realmente não quero. Quero aprender a não ter desejo, mas quero mudar, entende? (FERRARI, 2014, p. 102-103, grifo nosso)*

O que nos chamou atenção na carta é que sexo é para a autora um assunto aparentemente bastante constrangedor. E apesar de ela ser uma adolescente, fase da vida em que se dá início a puberdade e o corpo passa por muitas e intensas transformações, parece ser ainda mais inconcebível falar sobre sexo, homem, e, principalmente, sobre mulher. Isso nos mostra a ausência de uma educação voltada para ouvir atentamente as dúvidas, curiosidades e interesses sobre as sexualidades e suas manifestações. Por outro lado, sua carta já demonstra a presença de preconceito(s), discriminações(s) que a impedem de



experimentar sua sexualidade do jeito que ela a percebe e sente.

Em seu relato, a adolescente fala das violências sexuais cometidas por um homem e um garoto e as atribui a sua "mente diferente". Isso demonstra um sofrimento provocado não apenas pelo machismo, onde o homem e o garoto se sentiram no direito de abusar sexualmente dela por ser uma adolescente do sexo feminino, como também pelo fato de sua sexualidade ser considerada uma doença, uma anormalidade. Como uma das consequências desse preconceito, percebemos que a irritação que ela diz sentir não é consequência da vontade de beijar outra garota, mas supostamente das relações que condenam a sua vontade e a "tornam" errada e nojenta, como ela afirma ter escutado.

Apesar das tentativas de se relacionar sexualmente com garotos, nas quais só confirmaram seu desinteresse, ela parece não considerar a possibilidade de casar com uma mulher, apesar dos desejos que sente. Menciona a possibilidade de casar com um homem e em seguida afirma preferir ficar só. O conflito gerado pela não aceitação de sua sexualidade é tão grave que a faz determinar a infelicidade de sua vida, por não "poder" viver como deseja e por não aceitar viver como determina a sociedade conservadora.

Essa carta, segundo Ferrari (2014, p. 101) é um convite a "olhar como vamos nos constituindo como sujeitos de desejo e como vamos acionando saberes para sermos capazes de produzir saberes sobre nós mesmos, tomando-nos como objeto de investigação", ou seja, se nos constituímos sujeitos de desejo, o que nos determinará ou deveria determinar, se é que necessária tais determinações, nossa sexualidade são nossos desejos e as relações que estabelecemos com o mundo, assim como as interferências dos saberes acionados sobre esses desejos. Porém tais relações, sendo contrárias a nossos desejos, criam estratégias que os inviabilizam, negam, desvalorizam e deturpam. Impedindo experiências saudáveis de conhecimento desses desejos, por consequência de uma constituição saudável de si. São estabelecidas tentativas de converter os desejos em padrões sociais dominantes, ou seja, padrões heteronormativos. Isso está implícito na carta. Talvez por isso, o autor nos convida a pensar sobre esse vínculo das homossexualidades à anormalidade. Um exercício necessário que possibilita a desconstrução desses padrões excludentes, repressores e opressores.

Ferrari (2014) fala ainda sobre as experiências com o grupo de pesquisa do qual faz parte, o GESED, que se reúne desde 2010 e conta com o envolvimento de estudantes de Graduação e de Pós-graduação, professores e



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

professoras da rede pública. Ligado à UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora), o grupo produz livros e seminários, promove discussões a fim de ampliar e manter o debate.

Diante do exposto, o que o autor nos traz é que:

Por um lado, essas ações vêm demonstrando a impossibilidade de falar de homossexualidade no singular, ressaltando a necessidade de pensar, olhar e lidar com as homossexualidades sempre no plural, de forma que **não é possível pensar num tipo de homossexual típico, mas numa multiplicidade de homossexualidades, problematizando e afetando a maneira das escolas lidarem com as homossexualidades.** Muitas vezes aceitamos e possibilitamos um tipo de homossexual, quase sempre vinculado a um modelo heteronormativo [...] (FERRARI, 2014, p, 105 grifo nosso)

Isso nos faz pensar em uma busca que muitos têm pelo ideal da homogeneidade e não pela capacidade de lidar com as diferenças, a multiplicidade. Percebemos também semelhança com o movimento do cabelo crespo, que tenta, por um lado, dar visibilidade e valorizar as várias texturas, formas, tamanhos e usos dos crespos. E nesse movimento, há ainda uma tentativa de vínculo a um modelo aceitável de cabelo crespo, aqueles de cachos definidos. Ou seja, em movimentos diferentes, é possível perceber a

semelhança da padronização, da vinculação das diferenças a um modelo apenas.

À essa proposta de pensar o vínculo das homossexualidades à anormalidade, está a ação dos grupos gays que tentam desde de 1970 desconstruir imagens negativas das homossexualidades e construir imagens positivas. Como explica o autor:

No caso específico de Juiz de Fora, temos ainda para fortalecer essa vinculação [de escolas e docentes] um dos mais importantes eventos nacionais de encontro da comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) e que repercute nas escolas – o Rainbow Fest – um evento anual, com duração de uma semana, que movimentava a cidade com debates nas diferentes áreas do conhecimento e que culmina numa grande festa de eleição da Miss Gay Brasil. [...] Desde a década de 1990, o MGM (Movimento Gay de Minas), numa ação isolada, vem organizando um encontro para professores e professoras, como parte da programação do Rainbow Fest, intitulado ‘Homossexualidades e Escolas’, destinado ao debate da temática homossexual e a suas relações com a Educação. Assim eram discutidas essas relações nas diferentes áreas da Educação tais como: Currículo, Formação Docente, Gênero e Sexualidades, Gestão Escolar e Educação Infantil e, por sua vez, possibilitou a organização de duas edições do Curso de Capacitação ‘Lidando com as Homossexualidades’, entre 2007 e 2008. Essas ações repercutiram nas escolas e na cidade como um todo. Podemos apontar como **um dos seus resultados mais eficazes o debate permanente em torno das**



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

**homossexualidades e a visibilidade dessa comunidade, inclusive nas escolas.** (FERRARI, 2014, p. 105, grifo nosso)

Essa discussão sobre a visibilidade, sobre tornar visível, não ignorar, não esconder parece um importante passo para essa comunidade. Não apenas para a comunidade em si, como também para a sociedade que se vê provocada a discutir sobre algo antes ignorado, escondido. Pode-se comparar a isso o movimento do cabelo crespo que tenta garantir essa visibilidade. Entendemos que da mesma forma que as pessoas têm direito de usar seu cabelo como querem, têm também o direito de viver suas sexualidades como as agradam. Mas nessa comparação, surgiram uns questionamentos: No caso do cabelo, há o viés da estética que tem sido usado para justificar a sua aceitação. E no caso das homossexualidades, existem vieses? Quais são?

Outro destaque que fizemos do texto de Ferrari (2014) é o aumento de professores gays e professoras lésbicas que estão ocupando as escolas e possibilitando outros tipos de relação com estudantes. Relações essas que vão além dos conteúdos previstos no currículo tradicional de algumas escolas. Possibilitando, inclusive, iniciativas como a escrita da carta desta adolescente. Neste caso, vale lembrar da luta que está sendo travada para incluir as discussões de gênero nos

planos municipais e estaduais de educação. É que as sexualidades não devem estar a mercê da sensibilidade de alguns, mas sim um direito público. Ferrari (2014 p.106), ainda complementa afirmando que:

Poderíamos acrescentar a tudo isso o fato de o debate em torno das homossexualidades ser algo social e cultural e que diz deste momento histórico. Fruto de construção que não é de agora, ele é parte do nosso cotidiano [...] Há um movimento de mão dupla que organiza e constrói esse debate. Isso está na televisão, porque está na sociedade; e está na sociedade, porque está na televisão, de maneira que há uma retroalimentação entre esses espaços. É um movimento que nos obriga ao olhar com cuidado para tudo isso, uma vez que, independentemente de a escola realizá-lo, participar ou não dele, ele está sendo construído e chega às escolas [...] A escola é o local de problematização do senso comum, do que não nos assusta mais porque naturalizamos [...] Assumir a postura de problematização é mais do que olhar para o que está nas salas de aula, é questionar a forma de conhecer, é dar um passo atrás para olhar de outra forma (MARSHALL, 2008). Quando a professora assume a correspondência, quando dá lugar a ela, assumindo que não “sabe”, mas que quer saber e “ajudar”, vai demonstrando que está nesse movimento, nessas condições de emergência que a estão constituindo como professora também.

### **3. Sobre experiências e experiências homossexuais: O que nos chamou atenção**

Ferrari (2014) afirma que “meninos e meninas buscam a escola como um espaço de



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

entendimento para o que estão vivendo no campo das sexualidades, atribuindo a ela o lugar do conhecimento e vinculando diretamente a questão das sexualidades e das homossexualidades ao saber.” Entendemos essa busca pela escola como uma demonstração também da ausência de diálogo em casa ou dúvidas acerca desse diálogo, não reconhecendo a família como um lugar de conhecimento propriamente dito para entender essas experiências. Mais adiante, por meio da carta, percebemos que a busca se dá pela incompatibilidade entre o saber acessado para entender o que se acontecem também o que é sentido. Não havendo entendimento, a busca não cessa.

A menina nos aproxima dessa tensão entre os jogos de verdade, poder e subjetividade, capaz de nos constituir como sujeitos de uma experiência. Quando nascemos, entramos em contato com um mundo já organizado, com saberes que nos organizam e que nos constituem, de maneira que somos muito mais fruto desses saberes do que produtores dele.” (FERRARI, 2014, p. 107)

Nesse sentido, sabemos que esses “saberes” já nos são impostos desde que nascemos, e na maioria das vezes quando tentamos construir os nossos próprios saberes, somos silenciados, pois geralmente, tudo que foge do normativo é errado, principalmente levando em consideração a religião.

“[...] a menina se pensa através da análise dos elementos do desejo e coloca em circulação saberes, discursos e pensamentos que mais do que relacionar, constitui o desejo como prenúncio do “errado”, do desvalorizado... a carta revela um tipo de atitude que aprendemos a desenvolver conosco e que diz da relação entre Eu – Verdade – Confissão – Desejo – Corpo. Somos ensinados a buscar no nosso corpo os nossos desejos e vamos confessando, pelo menos para nós mesmos, aquilo que sentimos e vamos nomeando e dando sentido a tudo isso como nossas “verdades”. Assim, vamos nos constituindo em meio a esses saberes e transformando a nós mesmos como objetos de conhecimento e de investigação. Somos capazes de dizer o que somos e de falar das nossas “verdades” a partir dos nossos desejos. Os nossos desejos nos situam, nos dão lugares de sujeitos.” (FERRARI, 2014 p, 108)

Observamos isso nas relações cotidianas (uma relação entre pares). A tentativa de convencimento do outro a partir dos seus desejos, das suas descobertas, das suas verdades como elas tivessem ou deveriam ter o mesmo valor para o outro. Como se possível falar pelo/do que o outro sente e deve fazer em relação a isso.

Quando o autor cita que “há uma luta entre a vontade e o medo de viver o desejo, que diz de um processo de decifração daquilo que ela é.” (FERRARI, 2014, p. 108) Esse



“processo de decifração” vai muito de encontro com o processo de construção do seu próprio eu. O autor acrescenta que a aluna tem sido confrontada pelos discursos e diversos saberes, os quais ocasionam na dificuldade de pensar e sentir o desejo na perspectiva de algo prazeroso, pelo contrário para ela tem sido uma situação perturbadora e dolorosa. “o desejo e o prazer são presumidos, de maneira que o corpo se torna problema.” (FERRARI, 2014, p. 109)

Essa vontade e o medo de viver o desejo, muitas vezes andam de mãos dadas. Geralmente algo que a maioria das pessoas consideram errado de se fazer, a gente não vê dessa forma, mas quando vai fazer, acaba se vendo no “erro”.

Foucault auxilia nessa discussão em torno do desconhecimento da sexualidade e dos saberes produzidos e reproduzidos na sociedade

“Esses dois fenômenos – de desconhecimento da sexualidade pelo próprio sujeito e de supersaber sobre a sexualidade na sociedade – não são fenômenos contraditórios. Eles coexistem efetivamente no Ocidente, e um dos problemas é certamente saber de que modo, em uma sociedade como a nossa, é possível haver essa produção teórica, essa produção especulativa, essa produção analítica sobre a sexualidade no plano cultural geral e, ao mesmo tempo, um desconhecimento do sujeito a respeito de sua sexualidade. (FOUCAULT, 2006, p. 59).”

A responsabilidade das produções, o que se produz, como se produz, como se analisa, especula a respeito das subjetividades. Por vezes o ser humano ao acessar esses saberes para entender o acontece consigo, pode desconsiderar o seu entendimento de si mesmo, desconsiderando também produções que não determinem, definam ou conceituam tais acontecimentos.

Ferrari apresenta que:

“Assim também podemos analisar as homossexualidades a partir das correlações entre os três eixos que compõem a experiência: os jogos de verdade e formação de saberes, que juntos se referem às definições de sexualidades e das homossexualidades; as relações de poder que atravessam e regulam suas práticas; e, por último, as subjetividades, ou seja, os processos pelos quais os sujeitos podem e devem se reconhecer como sujeitos de determinadas sexualidades.” (FERRARI, 2014, p. 110)

**Sobre a escola em meio a tudo isso nos chamou atenção e queremos discutir o seguinte:**

Ferrari (2014, p. 112) afirma que a carta da menina é uma forma de implicar a escola nesse seu processo de tornar-se e



reconhecer-se como sujeito de desejo. Dessa maneira, ela “põe em jogo a articulação entre as práticas discursivas, saberes e subjetividades. Ela contrapõe o que sabe, o que escuta dos “outros” sobre o que deve ser a “verdade”, visto que a escola é reconhecidamente o local do saber e, portanto, da verdade.” A imagem que nos é mostrada da escola através da carta, é que se trata de uma instituição que possui ou deveria possuir saberes sobre as sexualidades, mas não os revela conforme os interesses e dúvidas da estudante. A ponto de tornar constrangedora a busca por esses saberes.

### **CONCLUSÃO:**

Apesar de reservar uma parte do artigo para discutir especificamente sobre a escola em meio às questões das sexualidades, percebemos que os questionamentos e as observações sobre sua atuação esteve presente ao longo do texto. Isso, de alguma forma, demonstra pra nós a importância e a indissociabilidade desta instituição e os temas transversais de modo geral para a construção de uma convivência social igualitária para as maiorias silenciadas, que têm conseguido tornar visíveis suas demandas e provocar e manter as discussões pautando-se nos direitos constitucionais.

É de grande importância os debates sobre gênero e diversidade em sala de aula,

pois segundo Althusser, 1970, a escola, é um dos principais aparelhos ideológicos do Estado, pois é nela que as crianças, adolescentes e muitos adultos passam uma boa parte de seu dia, nesse sentido, é muito pertinente que nesse espaço, sejam abordadas diversas temáticas acerca da das sexualidades, incluindo as relações homoafetivas. Mas o que estamos acostumados a ver na prática é justamente o contrário, as escolas querendo impor o modelo de família heteronormativa, contribuindo assim para o aumento do índice de violência, através da homofobia em nosso país. Nesse sentido, o papel da escola, além de fazer com que os alunos aprendam as disciplinas convencionais, é também ensinar valores.

Por meio da carta, a adolescente contesta a escola, provoca a professora ao incluí-la nessa relação entre sujeito e desejo. Isso é também uma forma de questionar a formação docente. A academia tem estimulado essas discussões e reflexões, estimula a busca por esses conhecimentos? Ela media a apresentação, desenvolvimento e reformulação e organização desses conhecimentos? É possível garantir o preparo para lidar com essa relação sujeito e desejo no qual a escola foi implicada a agir? Acreditamos que não. Ainda que com base em uma análise muito superficial de nossas experiências acadêmicas, pensamos que nossa



formação acadêmica não está compromissada com esse debate. Não o garante para estudantes em formação inicial. Pois as temáticas que contemplam as maiorias silenciadas, quando são ofertadas, são optativas. A formação, por mais que tente e discursar contra os métodos tradicionais de ensino, ainda não consegue garantir aprendizagem para além do acúmulo de conteúdos, das discussões em sala e das devolutivas por meio de notas numéricas. Nesse sentido, acreditamos que não é apenas a escola que está cercada de desafios e potencialidades para tratar as sexualidades como práticas de liberdade e não de opressão e aprisionamento.

(Ferrari, 2014, p. 113) sugere que a carta pode ser um convite à escola para “operar com as sexualidades de outra forma e não esta da interdição das expressões sexuais e da exigência de austeridade sexual.” Mas entendemos que para a escola operar de forma distinta passa também pela formação docente, pela forma como o sistema educacional está organizado, as relações de poder entre as instituições e os indivíduos, os contextos socioculturais que influenciam a organização da escola frente a questões objetivas que podem sobrepujar os temas transversais.

Pensar as sexualidades a luz da moral e “

bons” costumes impostos pelo conservadorismo de uma classe e das instituições religiosas e não como processo histórico, por suas mudanças ao longo do tempo, e relacional, por não se dar em uma só via se mostra desafiador para a escola. Talvez porque a escola ainda não consegue se reconhecer e organizar enquanto um espaço de vida presente, vida no momento em que acontece. A escola ainda investe esforços em uma promessa de futuro sem observar atentamente as verdades que não estão previstas ou são negadas, como demonstrado na carta da adolescente.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologias e aparelhos ideológicos do estado.

Disponível em:

FERRARI, Anderson. Experiência homossexual no contexto escolar. *Educar em Revista*, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe-1/a08.pdf>> Acessado em: 15/04/2016

FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2. ed. 2006.



# XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)